

Eva Fernández

O PAPA DA TERNURA



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fernández, Eva
O papa da ternura / Eva Fernández ; tradução de Jaime A. Clasen. –
São Paulo : Paulinas, 2021.
320 p. (Recepção)
ISBN 978-85-356-4617-7
Título original: El papa de la ternura
1. Francisco, Papa, 1936- 2. Misericórdia 3. Caridade 4. Vida cristã
I. Título II. Clasen, Jaime A. III. Série
20-2257 CDD 282

Índice para catálogo sistemático:

1. Igreja Católica : Papa Francisco 282
Angélica Ilacqua - Bibliotecária - CRB-8/7057

Título Original da Obra: El papa de la ternura
© Editorial Planeta S.A., Barcelona, 2019.

1ª edição – 2021

Direção-geral: *Flávia Reginatto*
Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato e*
João Décio Passos
Tradução: *Jaime A. Clasen*
Copidesque: *Ana Cecilia Mari*
Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*
Revisão: *Sandra Sinzato*
Gerente de produção: *Felício Calegaro Neto*
Capa e projeto gráfico: *Tiago Filu*
Imagem de capa: *L'Osservatore Romano*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3500
<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081
© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2021

SUMÁRIO

Carta do papa	17
Prólogo.....	19
Um quadro de Caravaggio e uma chamada ao telefone.....	23
Vinício, o abraço que deu a volta ao mundo	39
Glyzelle, a menina que falava com suas lágrimas	57
O colete laranja de uma menina afogada	65
O pequeno Emanuel: “Meu pai, ateu, está no céu?”	81
O sonho destruído de Blessing.....	99
O papa dos rohingyas.....	113
Quando Janeth se encontrou com Francisco na prisão	123
Geneviève, a freira que repreendeu o Cardeal Bergoglio.....	149
Às sextas-feiras, encontros com as vítimas de abusos sexuais	167
A senhora Lorenza, enfermeira improvisada do papa.....	191

Dom Conrado, os braços do papa	205
O ecumenismo da amizade	231
Ternura a trinta mil pés de altura	259
Epílogo	275
Por Òscar Camps	281
Anexos	285
Bibliografia	317

CARTA DO PAPA



Vaticano, 15 de agosto de 2018

À Sra. Eva Fernández

Prezada senhora,

Surpreendeu-me gratamente que a senhora esteja escrevendo um livro sobre a ternura, a revolução da ternura. Estou seguro de que fará muito bem.

A cultura de hoje tende a esquecer-se desta atitude tão evangélica. Já no Antigo Testamento, nosso Pai Deus se apresenta com gestos de amor e de ternura para com o seu povo, mostra-se pai e mãe e repete continuamente: “Não temas, eu estou contigo”; e ao dizer estas coisas o acaricia com muita ternura, como se fosse um bebê, e isto porque sabe que é o mais pequeno de todos os povos, o “vermezinho” de Israel.

E Jesus continua com os mesmos sentimentos e gestos, acentua-os mais e nos comove com eles: não lhe basta ressuscitar uma menina, mas acrescenta o conselho de que lhe deem de comer; não considera suficiente ressuscitar o filho único de uma viúva, mas, ao mesmo tempo, o devolve à sua mãe; não só assume a dor de uma família e ressuscita o amigo, mas também, antes, chora com eles.

Hoje, que nos acostumamos a “descartar” valores e pessoas, sãos e enfermos, jovens e velhos, a tal ponto que podemos mencionar a nossa civilização como “a cultura do descarte”, é bom que nos seja recordado que Deus se manifesta também com gestos de ternura, gestos habituais em seu modo de agir.

Que bem nos fará recuperar a eficácia da carícia como no-la pedem as crianças e responder à cultura da prescindência e do descarte com a revolução da ternura! Obrigado por ter escolhido este tema.

Peço-lhe, por favor, que não se esqueça de rezar por mim.
Que Jesus a bendiga e a Virgem Santa a cuide.

Fraternalmente,
Francisco

PRÓLOGO

Uma vez eleito, o Papa Francisco não demorou a começar a falar da ternura e, o que é mais importante ainda, em seguida começou a demonstrá-la. Creio que o melhor exemplo disso, naqueles primeiros dias, vimos no domingo da ressurreição de 2013, quando Francisco abraçou e beijou um menino gravemente incapacitado, Dominic Gondreau, depois da missa na Praça de São Pedro.

Como tantos dos momentos mais impactantes e emocionantes do papa, este não estava na programação. De fato, segundo explicou depois o pai de Dominic, um professor universitário norte-americano, isso ocorreu por acaso. Ou foi providência? Ele tinha ido ao Vaticano com a sua mulher e seus cinco filhos, mas sem entradas; não parecia exatamente uma grande ocasião para estar cara a cara com o pontífice.

Nas palavras de Paul Gondreau, o abraço do papa a seu filho enviou uma mensagem ao mundo de que “os cristãos católicos necessitam chegar até as margens e servir os

pobres, estender a mão até as periferias. O que vimos nesse abraço é o que ele queria dizer quando falava dos *pobres...* dos que têm uma incapacidade ou necessidades especiais, dos que estão sozinhos ou sofrem deterioração psicológica ou feridas emocionais”. Gondreau explicou que o momento foi ainda mais insólito pela resposta de seu filho, que lançou seu braço em redor do papa num gesto de profundo afeto.

E essa resposta foi uma surpresa, porque Dominic não tem essa capacidade de ação motora rápida. Talvez essa tenha sido a reação a que o papa chama de *revolução da ternura*. Neste livro, Eva Fernández fez um trabalho extraordinário ao descrever momentos como este, belas batalhas no curso dessa revolução maravilhosa.

Inclusive antes de ser eleito pontífice, Francisco já desafiava os fiéis sobre como tratavam os que são parte da “cultura do descarte” – os mendigos, por exemplo –, ao perguntar-lhes se olhavam nos olhos e se tocavam suas mãos quando lhes davam uma moeda. É um desafio para nós também cada dia. “Não tenhais medo da ternura”, Francisco gosta de repetir.

Porém, como Eva nos mostra, o que o papa faz, não o que diz, é o que ensina a lição. O seu abraço àquele homem severamente deformado, Vinício, deu-se de uma forma tão natural e espontânea que recordava São Francisco abraçando o leproso. Essa imagem, a do papa abraçando e beijando Vinício, alguém que se acostumara a ser tratado como um monstro, nos fala mais de como deveríamos comportar-nos como cristãos do que horas e horas de homilias.

O livro de Eva é o terceiro de uma espécie de trilogia espanhola. O primeiro foi *O Papa da misericórdia*, de Javier Martínez-Brocal, e o segundo *O Papa da alegria*, de Juan

Vicente Boo. *O Papa da ternura* completa o conjunto, e Eva consegue realmente captar a essência do Papa Francisco.

Quando estávamos juntos à frente da sala de imprensa vaticana, Paloma García Ovejero e eu falávamos com frequência do que consideramos a principal mensagem de Francisco: a misericórdia. E a mensagem é esta: “Deus te perdoa”. Há, porém, dois corolários. Primeiro, que Deus ama você, e é aí que a alegria entra em jogo: ao saber que Deus ama você mais do que uma mãe ou um pai ama os seus filhos. O segundo é este: compartilhar o amor; e compartilhar o amor de Deus significa demonstrar ternura.

Se alguém deu vida à palavra *ternura*, foi o Papa Francisco: um gigante que se entrega pelos pequenos; um homem que se santifica fazendo-se um com os fracos; que não tem medo das lágrimas nem dos abraços. É apenas a sua ternura gestual que transborda de algo muito mais profundo; sob cada carícia, cada joelho fincado diante da carne de Cristo, há um Francisco que sabe amar como Jesus, que guia a Igreja com autenticidade e coragem.

E sua grandeza nasce de ter experimentado, como Charles de Foucauld, a ternura de Deus. Por isso sabe beijar a fragilidade. Por isso interpela a cada um de nós a ser ternos, sem exigir, apenas provocando o contágio.

Não há motivo para isso ocorrer em circunstâncias extraordinárias, como quando se conhece uma criança com paralisia severa ou se encontra com alguém terrivelmente desfigurado. Ocorre também nas situações mais cotidianas, quando mostramos um pouco de afeto, um gesto amável, um sorriso para alguém em apuros, sem esperar nada em troca.

E podemos ver isso em algo tão simples como no modo como o papa cumprimenta as pessoas. Para começar, quando chega a uma audiência e se empenha em dizer *olá* a cada um individualmente, como se não houvesse milhares de pessoas em volta. Faz isso inclusive se há centenas esperando. Cada pessoa é única para ele.

Se tivesse que escolher um só nome próprio, uma só ternura, não poderia deixar de mencionar a predileção do Papa Francisco por pessoas com síndrome de Down. Vi isso em primeira pessoa quando um grupo de colombianos veio dar-lhe boa-noite na Nunciatura Apostólica de Bogotá. Não fiquei impressionado naquele momento, mas dias depois ainda o recordava com especial admiração. Foi então – numa conversa informal no jardim – que lhe contei que levávamos meses tentando contratar uma pessoa com síndrome de Down para a Sala Stampa, que Paloma tinha percorrido toda a administração vaticana e não havia jeito, pois era uma novidade demasiado complicada. Ele apenas me respondeu: “Insista. Vá em frente”. Pouco depois, as travas burocráticas desapareciam, e em questão de semanas começava a trabalhar conosco Alice, a companheira que ensinou todos nós a perdermos o medo da ternura. E isso foi possível graças a ele.

Numa era em que a maioria de nós perde grande parte do dia em olhar o telefone para revisar o correio, ou mandar um tuíte, ou fazer uma selfie, Francisco encontra tempo para escutar os outros. Para amar de tu a tu. E isso é uma revolução.

É a revolução da ternura.

Greg Burke, ex-porta-voz do Papa Francisco.
Roma, 10 de fevereiro de 2019.

UM QUADRO DE CARAVAGGIO E UMA CHAMADA AO TELEFONE



A vocação de São Mateus, por Caravaggio (1599-1600)

Na vida há momentos singulares e irrepetíveis. Ainda não acredito no que vivi naquela manhã de sábado, quando me encontrava frente ao computador, tentando escrever algum parágrafo com o qual começar este livro.

Nunca esquecerei a data. Era 28 de julho de 2019. Oficialmente, eu me encontrava de férias em Madri. Tinha me

proposto a dar uma arrancada no texto e estava convencida de que nesse verão desfrutaria da praia apenas em sonhos. Estava bem consciente de que, uma vez de volta à vida normal em Roma, a voragem informativa me tornaria muito difícil avançar no projeto.

A única coisa de que tinha clareza é que o livro iniciaria com as visitas furtivas do então Cardeal Bergoglio à igreja romana de São Luís dos Franceses para contemplar um Caravaggio. Havia conseguido pôr em ordem as minhas ideias e até tinha encontrado um título: *O segredo de um quadro*. Não suspeitava que essa tela estava a ponto de entrar para sempre em minha própria história.

Estava eu nisso quando, às 9h45 da manhã, tocou o meu celular. Levava um bom tempo com o olhar fixo diante do computador em meio ao bloqueio de autor principiante. Deixei sobre a mesa a segunda xícara de café do dia, ao comprovar que a chamada vinha de um número desconhecido. Na tarde anterior, tinha recebido outra chamada semelhante que não consegui atender, então respondi rapidamente à chamada: “Alô”. “Bom-dia, sou o Papa Francisco...”

Em alguns segundo, passei da incredulidade à emoção e aos nervos. Estava confirmado que o próprio Francisco telefonava sem utilizar intermediários.

Não sei como consegui continuar a conversação: “Que alegria, Santo Padre!”.

Quando fico nervosa, o normal é que passe a falar sem parar. Menos mal que o papa tomou rapidamente as rédeas da conversação: “Quero pedir-lhe desculpas porque

respondo só agora a uma carta que me escreveu no mês de junho, pois não pude dedicar-me a ela até este momento...”.

O Papa Francisco, que recebe diariamente centenas de cartas, me pedia desculpas por uma simples missiva sobre a qual eu nem esperava resposta e que, depois de me armar de coragem, tinha entregue a seu secretário durante o voo que realizou a Genebra em 21 de junho de 2018, para participar do septuagésimo aniversário do Conselho Ecumênico das Igrejas.

Naquela carta lhe contava, de forma muito simples, até que ponto tinha mudado a minha vida desde que tinha chegado a Roma, entre outras causas, devido ao mestrado acelerado de formação que cursava, seguindo diariamente os seus passos e lendo os textos de suas mensagens.

Entrelinhas dizia-lhe que, depois de minhas intervenções na rádio falando dele, pudera comprovar que sua “revolução da ternura” comovia os ouvintes, e por isso pensava lançar-me a escrever um livro com tudo o que não “cabia” em minhas crônicas.

Se dependesse de mim, atrevia-me a solicitar-lhe que – “caso lhe parecesse bem e dispusesse de um tempo que não lhe sobra” – escrevesse algumas palavras para este livro.

A proposta era ousada, mas, assim, pelo menos não ficaria com remorso de não ter tentado.

Eu, porém, já me tinha esquecido disso quando recebi a chamada de Roma. Será porque trabalho na rádio, mas o silêncio do outro lado do telefone me inquieta. Por esse motivo, embora fosse o papa quem me tinha telefonado, sentia a necessidade de contar a ele o que fazia.

Como nesse momento a tela do computador tinha na minha frente o quadro “A vocação de Mateus” de Caravaggio, contei-lhe, simplesmente, que estava escrevendo sobre a relação que esse quadro tinha com ele. Francisco achou graça e rapidamente me perguntou: “E qual personagem pensa ser Mateus?”.

Respondi, sem duvidar, que Mateus era o senhor mais velho, que apontava o dedo para si mesmo.

O papa acrescentou: “Olhe bem, porque, embora se trate de uma discussão velha e sobre o tema haja muitas teorias, o dedo de Jesus aponta realmente para o rapaz, que não faz muito caso, que nem sequer olha para ele e continua recolhendo as moedas...”.

Encantou-me como se referia ao jovem que aparece na cabeceira da mesa e que poderia tratar-se, sem dúvida, do autêntico Mateus.

Francisco acrescentou que também tinha agora o quadro bem próximo dele, porque lhe tinham dado uma cópia de presente. Estávamos a olhar para o mesmo. De fato, dado que o papa não pôde voltar à igreja de São Luís dos Franceses, vizinha da populosa Praça Navona de Roma, ele tem uma cópia desse quadro na Casa Santa Marta. Foi um presente de um ateliê da cidade italiana de Perúgia. Para fazê-lo, utilizaram as mesmas técnicas e cores que na obra original.

“Se você prestar atenção”, acrescentou o papa, “o dedo do senhor mais velho aponta realmente para o rapaz e a luz que entra na sala termina exatamente nele...”.

Enquanto transcorria essa conversa, eu me beliscava para me assegurar de que era real. O Papa Francisco tinha

telefonado para mim e estava me dando uma lição magistral sobre o quadro de Caravaggio.

“Pois não tinha ideia disso”, Santo Padre. Sempre pensara que Mateus era o outro...

Nesse instante, voltou a lembrar-me de que se tratava de uma teoria. Creio que, no fundo – num gesto de delicadeza –, me deixava uma margem de liberdade para que o interpretasse segundo melhor me parecesse.

Instantes depois, ele abordou o tema que lhe tinha proposto em minha carta: “Olhe, gosto muito dos prólogos, mas poderia escrever-lhe uma carta para o livro”.

“Naturalmente, Santo Padre, farei o que o senhor quiser. Muitíssimo obrigada”, creio que atinei a dizer-lhe.

“Se lhe parecer bom”, acrescentou Francisco, “envie-me alguns dados sobre o que conta no livro para que eu possa fazer uma ideia”.

E, em seguida, preocupou-se de que escrevera corretamente o endereço do correio eletrônico para o qual tinha de enviar essa informação.

Escutar um papa repetindo um e-mail para assegurar-se de que o escrevera corretamente, não é algo que se viva todos os dias.

Chegava o momento de se despedir... Eu ficaria encantada em continuar, mas era feio abusar da paciência de Francisco e, além do mais, tinha consciência do pouco tempo de que ele dispõe. Porém, me atrevi a lhe fazer uma pergunta pessoal: “Está descansando um pouco em suas férias, Santo Padre?”

Respondeu-me com um tímido *sim*, pouco convicto. Acrescentei que muitos de nós desejávamos que pudesse descansar, porque tinha várias reuniões importantes em andamento, como o Encontro Mundial das Famílias em Dublin, a ser celebrado poucas semanas depois.

Despedimo-nos. Tornei a lhe agradecer pelo telefonema e lhe disse que tivesse um bom-dia.

“Até logo”, acrescentou Francisco.

Assim, de uma forma tão simples como magistral, concluí o telefonema de um papa com a mesma familiaridade de um pai de alguém muito próximo.

E, enquanto olhava esse quadro de Caravaggio e escrevia – ainda sem conseguir acreditar – rápidos apontamentos da conversa, compreendi que Francisco acabava de presentear-me com uma lição de ternura em forma de telefonema. Entendi perfeitamente a que se refere, quando fala da “ciência das carícias”. Não se conforma com gestos e discursos. Ensina a buscar a pessoa e, quando a encontra, mostra a sua proximidade. Tinha lido a minha carta, tinha se interessado pelo conteúdo e tinha se dado ao trabalho de marcar um número de telefone. Não só uma vez, mas insistiu, voltando a chamar no dia seguinte até que eu respondesse, com a delicadeza acrescentada de não mencionar em nenhum momento que já tinha feito uma primeira tentativa sem resposta de minha parte.

Além disso, supunha-se que no mês de julho desfrutasse desses escassos dias no ano, nos quais, sem sair do Vaticano, reduzia a sua agenda para poder descansar. Francisco tinha me desarmado.

O papa utiliza o telefone como um inusitado instrumento pastoral para chegar aonde, de outra maneira, seria impossível. É um costume de quando era arcebispo de Buenos Aires, que continua pondo em prática desde a Casa Santa Marta. Assim se sente como cura de paróquia:

Quando alguém chama é porque tem vontade de falar, uma pergunta a fazer, um conselho a pedir. Quando era pároco em Buenos Aires, era mais fácil. Fiquei com esse costume. É um serviço. Sou assim. Mas é verdade que agora não é tão fácil fazer isso, dada a quantidade de gente que me escreve.¹

Não se mede a ternura em porcentagens, estatísticas nem números, mas a sua marca tem sempre um rosto. Ficariamos surpresos com todas as pessoas que receberam telefonemas do Papa Francisco. Muitas nunca chegaremos a conhecer. Mães como Rosalba, uma viúva de oitenta anos que perdera seu filho, que há cinco anos recebe cada mês a chamada do papa. Ou Anna, mãe solteira que decidiu seguir adiante com a sua gravidez, e que recebeu de Francisco oferta para batizar o seu filho. São inumeráveis as chamadas de Francisco a presos e a refugiados, a sacerdotes, monjas, jovens e inclusive crianças como Francesco Maria, que, do povoado italiano de Mendicino, lhe escrevera uma carta para que rezasse por sua tia enferma.

Concluída a chamada do papa, e enquanto tentava digerir o sucedido, detive-me de novo no quadro de Caravaggio para olhá-lo com os olhos de Francisco. Mateus estava absorto contando moedas, e era como se todos os outros

¹ Entrevista de Ferruccio Bortoli em *Corriere della Sera*, 5 de março de 2014.

intuíssem que ele logo responderia ao chamado do Mestre. O poder de um olhar, capaz de mudar a vida. Um olhar cheio de ternura que cura feridas e gera esperança. Percebo que a mão do que eu presumia que era Mateus não se dirige a si mesmo, mas para o jovem com a cabeça inclinada.

A partir de agora, cada vez que olhar este quadro, será inevitável que me recorde do Papa Francisco.

O segredo de um quadro

Jorge Mario Bergoglio ia contemplar essa tela toda vez que viajava a Roma para alguma gestão no Vaticano. Costumava hospedar-se numa simples residência para sacerdotes, situada na Via della Scrofa, a poucos minutos da igreja de São Luís dos Franceses, uma joia da arte barroca que aloja em seu interior três obras mestras de Caravaggio sobre o evangelista São Mateus.

Uma dessas pinturas, “A vocação de São Mateus”, recolhe de forma magistral o momento em que Jesus irrompe no que poderia ser um escritório de impostos da época e aponta com o dedo Mateus, o arrecadador – um dos ofícios mais detestados pelo povo de Israel –, para que mude de negócio e se converta em seu discípulo. Um instante captado para a posteridade por Caravaggio, diante do qual Jorge Mario Bergoglio passou muito tempo de oração antes de ser papa: “Esse dedo de Jesus apontando assim para Mateus. Assim estou eu. Assim me sinto. Como Mateus”.²

² Entrevista de Antonio Spadaro, de 19 de agosto de 2013, publicada simultaneamente em dezesseis revistas dirigidas pelos jesuítas.